

19. Sobre a tradução de ideias misóginas, os homens tolos e as mulheres de espírito na formação da literatura brasileira

Ana Cláudia Suriani da Silva, University College London

A pesquisa que eu apresento aqui e que se encontra em andamento faz parte de um projeto mais longo sobre a participação das mulheres na formação da literatura brasileira. Tradicionalmente, as historiografias literárias negligenciaram o papel ativo das mulheres na formação do sistema literário brasileiro, enfatizando majoritariamente contribuições masculinas. Como destaca Rita Schmidt, com exceção de três escritoras, Cecília Meireles, Rachel de Queiroz e Clarice Lispector, que receberam alguma atenção crítica, a suposição de que não havia mulheres escrevendo no passado brasileiro persistiu até a década de 1980. Somente a partir da década de 1980, graças ao trabalho de recolhimento da produção intelectual e literária de autoras femininas do século XIX, é que várias mulheres das letras começaram a figurar nos estudos literários. Mesmo a análise de Lúcia Miguel Pereira sobre a prosa de ficção brasileira entre 1870 e 1920 ressaltou a raridade de mulheres que trouxeram contribuições significativas à literatura brasileira, destacando-se apenas Júlia Lopes de Almeida por seu trabalho extenso e aclamado pela crítica. Como sabemos, antes de Lúcia Miguel Pereira, que foi de fato a primeira mulher a ganhar voz entre os críticos literários e a comunidade acadêmica, Inês Sabino já havia dedicado um livro inteiro às mulheres das letras no Brasil até o final do século XIX. Entretanto, suas obras, assim como as das escritoras que ela resenhou, ficaram fora de circulação por muito tempo. A tradição do “homem letrado” no Brasil perpetuou essa crença de que as mulheres, apesar de terem sido as principais consumidoras de literatura no século XIX, raramente se aventuravam na produção e crítica literárias. No entanto, a crescente pesquisa de arquivo sobre obras ficcionais e críticas por mulheres publicadas em periódicos e edições raras começou a desafiar e

desestabilizar o cânone estabelecido. Inúmeros estudos têm revisitado a formação da literatura brasileira, destacando as mulheres não apenas como autoras, mas também como mediadoras – editoras, críticas, tradutoras, por exemplo –, cuja ausência na história literária tradicional levanta questões significativas sobre a sua construção e interpretação. Destaca-se o trabalho pioneiro da pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart, professora da Universidade Federal de Santa Catarina, que esteve à frente do Grupo de Trabalho *A Mulher na Literatura*, instituído em 1985, na Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Com a colaboração de pesquisadoras de todo o Brasil, Muzart conseguiu compilar, organizar e publicar três grandes volumes dedicados às escritoras do século XIX. A antologia *Escritoras brasileiras do século XIX*, em três volumes 1, retirou mais de 150 escritoras do anonimato. Além disso, Muzart também fundou a Editora Mulheres, que (re)publicou muitas obras dessas escritoras.

A formação de um sistema literário coerente, como descrito por Antonio Candido, envolve produtores conscientes de seu papel, um público diversificado e um mecanismo transmissor que conecta ambos através da linguagem e estilos. Portanto, a ausência feminina (e de outras vozes subalternas, como os negros e os indígenas) como produtores no sistema literário brasileiro não apenas empobreceu (e ainda empobrece) a diversidade de perspectivas, mas também questiona a própria estrutura do sistema literário brasileiro. Isso porque, continuando com Antonio Candido, a literatura é um fenômeno civilizatório que se baseia na continuidade e na transmissão de valores culturais. Sem a inclusão das mulheres, essa continuidade é parcial e distorcida, não refletindo plenamente a diversidade cultural e social do país.

O objetivo da minha fala apresentada no dia 20 de outubro de 2023 no *Seminário Machado de Assis: La Complessità di un Classico*, em Roma, e deste capítulo é discutir precisamente as consequências do apagamento das mulheres como agentes em sistemas literários em formação, como o brasileiro no século XIX, a partir de um caso específico, porém fundamental na fortuna crítica de Machado de Assis e, portanto, na formação do sistema literário brasileiro. Trata-se da errônea atribuição ao escritor da autoria de *Queda que as mulheres têm para os tolos*, e consequente da naturalização de ideias misóginas no discurso historiográfico literário brasileiro. Como veremos, a seguir, enquanto tradutor de *De l'amour de femmes pour les sots*, de

Victor Hénau, para o português, e não autor, Machado de Assis foi responsável somente, até onde sabemos, pela transferência interna de *apenas* um registro dentro de uma longa tradição de textos europeus, escritos por mulheres e homens, que remontam à Idade Média sobre a excelência de um sexo sobre o outro e sobre os meios utilizados pelos homens para agradar as mulheres e vice-versa. Eu argumento, portanto, que atribuir a autoria do livro de Victor Hénau a Machado de Assis resultou no apagamento de vários registros de transferência material externa de discursos sobre misoginia, entre os quais se destacam *De l'amour* e *Queda*, entre os mais misóginos.

A parte da minha pesquisa que eu apresento aqui sobre *Queda*, ou seja, sobre um texto misógino, escrito e traduzido por homens, entra nesse projeto sobre o papel da mulher na formação da literatura brasileira em parte porque é o meu ponto de partida para revisitar uma tradição de leituras críticas misóginas de obras literárias brasileiras, como *Dom Casmurro*, e em parte devido à minha inquietação frente a práticas tradicionais da historiografia literária que insistem em apagar ou ignorar a existência da recepção crítica por mulheres, mais especificamente, contra essas ideias e práticas misóginas, o que não ocorreu na Bélgica em relação à publicação de *De l'amour*.

De l'amour, como todos nós sabemos, é um ensaio satírico de autoria do Victor Hénau, publicado na Bélgica em 1858, que ficou famoso no Brasil através da tradução de Machado de Assis, publicada em 1861 na revista *A Marmota* em fascículos, sem qualquer indicação de autor, de tradutor ou sequer de que se tratasse de uma tradução (Figura 1). Ainda em 1861 foi publicada uma versão de *Queda* em livro, que mencionava o nome de Machado de Assis como tradutor, mas não se referia ao título nem ao autor do texto de partida (Figura 2).

Tais lapsos fizeram com que uma boa parte dos críticos de Machado de Assis por mais de um século considerasse o texto ora como original de Machado, ora como adaptação, alguns chegando a classificá-lo como peça de teatro¹. Entre esses críticos, encontra-se Jean Michel-Massa, que, no ano do centenário da morte do escritor, me escreveu uma carta amigável mas também um pouco ansiosa, datada de 25 de julho de 2008, em papel timbrado da Universidade de Rennes, na qual compartilhava comigo os seus trabalhos já publicados sobre *Queda*, depois de ter notícias do meu artigo *Queda que as mulheres têm para os*

¹ Silva e Ferreira 2008, pp. 16-21.



Figura 1: Queda que as mulheres têm para os tolos, A Marmota, Rio de Janeiro, fascículo 1, 19 de março de 1861. @Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro

tolos: Translation or Text by Machado de Assis?, publicado na *Portuguese Studies* em 2007 em colaboração com a Eliane Ferreira². Nessa carta de duas páginas ele também compartilhou comigo o seu interesse crescente pelo tema da misoginia. Eu cito a carta:

² Silva e Ferreira 2007.

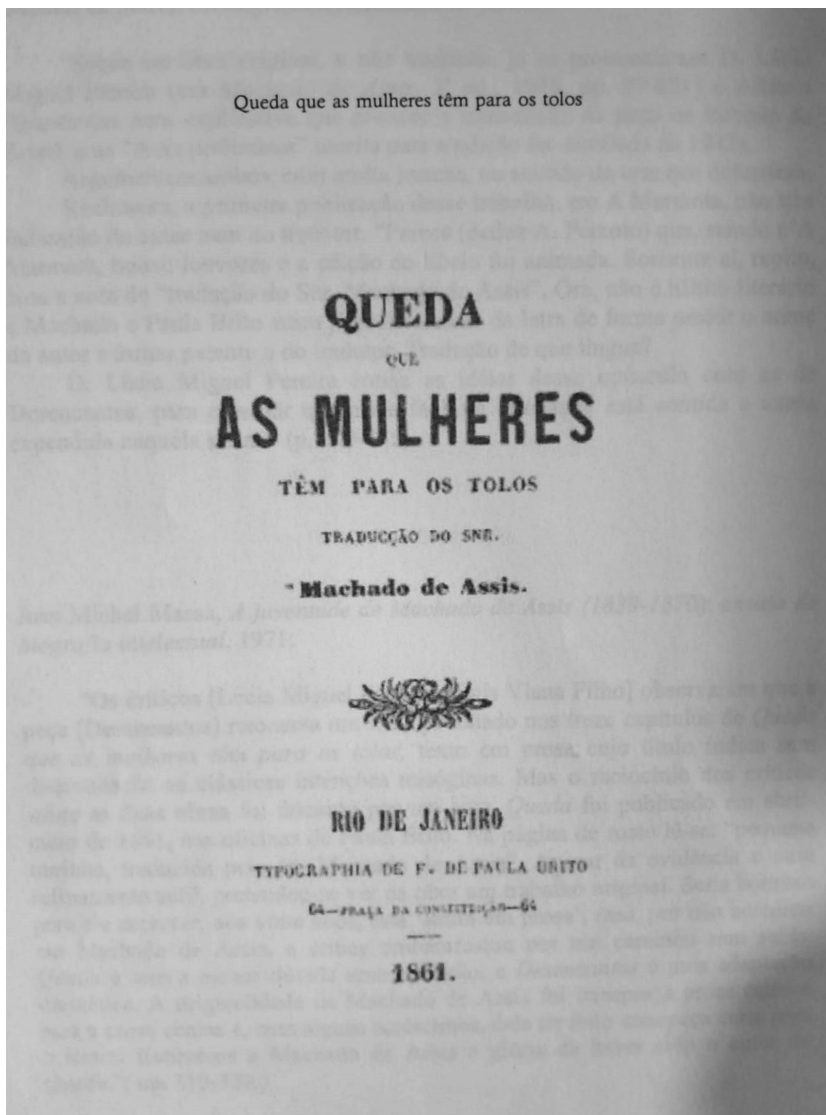


Figura 2: *Queda que as mulheres têm para os tolos*, Tipografia de F. de Paulo Brito, Rio de Janeiro, 1861.

Desenvolvo muito sobre a misoginia, como já lhe disse, há muitos textos. Ultimamente pensei na ópera de Verdi, *Rigoletto* e *La donna é mobile*. Quero alargar o tema e acabar com um paradoxo. Na linha de traduzir é escrever, dizendo que finalmente Machado de Assis pode – duma certa maneira – ser considerado como autor³.

³ Massa 2008.

Massa conclui a carta me convidando para colaborar na produção de uma edição bilingue de *Queda*, em que, eu cito novamente: “eu escrevo boa parte da introdução, utilizando seu trabalho, fazemos o co-tejo, mais leve do que o seu, faz [sic] as traduções e assinamos juntos.”

Infelizmente a carta e o convite chegaram tarde. A produção da edição bilíngue já se encontrava em andamento e viria a sair pela Editora da Unicamp ainda em 2008.

Eu resolvi aproveitar a oportunidade criada pelo colóquio e por esta publicação para voltar a essa pergunta, que nunca me abandonou, tanto que eu não joguei a carta de Massa fora: “na linha de traduzir é escrever, portanto Machado pode ser considerado como autor de *Queda*”. A minha resposta hoje, como em 2007 e 2008, é não. Machado não pode ser considerado autor de *Queda*. Sem menosprezar o fato de que a tradução é uma expressão criativa por si só, na qual o tradutor reconstroi o texto original com sua própria estilística e intenção, a atribuição equivocada de *Queda* a Machado de Assis, quando na verdade era uma tradução direta de *De l'amour*, de Hénau, ilustra uma questão emblemática na crítica literária, a qual eu chamo de “a angústia do crítico”, ecoando a “angústia da influência” de Harold Bloom e a “angústia da autoria” de Gilbert e Gubar, que revela a ansiedade dos críticos em privilegiar o gênio em detrimento da obra, resultando muitas vezes em atribuições equivocadas que distorcem o cânone literário e restringem as possibilidades de pesquisas bibliográficas, tradutórias e no campo das transferências culturais. O dilema é que essa angústia crítica tende a excluir várias linhas de pesquisa que reconhecem a tradução como um processo de transferência cultural.

Em 1981, Itamar Even-Zohar propôs que a tradução fosse analisada dentro de um contexto mais amplo, fornecido pela teoria da transferência. Isso permitiria conceitualizar a relação entre tradução e transferência em termos causais, econômicos, semióticos e epistemológicos. Em 1992, Anthony Pym avançou nessa discussão ao detalhar duas abordagens distintas para compreender as transferências no campo dos estudos de tradução. Por um lado, a primeira abordagem, denominada movimento ou transferência interna, refere-se às regras ou procedimentos que adaptam estruturas para novos sistemas interpretativos. Essa dimensão corresponderia ao processo que acontece dentro do cérebro ou máquina respondendo a objetos móveis, como no caso do cérebro do jovem Machado ao traduzir o livro de Hénau. Por outro lado, o movimento ou transferência externa, também conhecido como

transferência material, trata dos objetos movendo-se fora do cérebro ou da máquina, ou seja, das formas materiais que permitem que as obras e suas traduções circulem e sejam consumidas⁴.

Esses dois lados da transferência são interdependentes, e dessa união é que nasce um produto mútuo. No caso específico de *Queda*, temos na verdade três produtos, ou três encarnações, que é como Roger Chartier prefere chamar as diferentes formas materiais que um texto assume na sua transmissão⁵. A primeira é o exemplar de *De l'amour* que Machado usou como texto de partida para sua tradução; a segunda é a publicação de *De Queda* em folhetins na *Marmota*, com a indicação de ser uma tradução; e a terceira a edição em livro pela Tipografia de Paula Brito com a indicação na capa de que se tratava de uma tradução de Machado.

Assim como Anthony Pym, estou mais interessada nesse movimento de transferência material externa, porque, retornando à carta de Massa, há muitos textos sobre misoginia, sendo *Queda* e *De L'amour* apenas dois exemplos. Como tradutor e mediador, Machado foi responsável, até onde sabemos, apenas pela transferência interna de um registro dentro de uma longa tradição de textos europeus que remontam à Idade Média, sobre os meios utilizados pelos homens para agradar as mulheres e vice-versa.

Segundo o próprio Hénau, *De l'amour*, publicado em Liège em 1858, não é um texto original: “eu me contento em repetir o que foi dito antes de mim; minhas páginas conscientes são o resumo de numerosos e volumosos escritos”⁶. No prefácio, que foi omitido na tradução de Machado, Hénau lista oito obras que lhe serviram como fonte, além das obras de Senancour, Novalis, Stendhal, Nodier e Balzac:

“AUBERT, *Dialogue de la teste et du bonnet sur les natures et complexions des femmes*. Lyon, 1544, in-16.

GUÉROULT, *La Louange et vitupère de sottise, avec colloques sur les diverses fantaisies des femmes*. Paris, 1556, in-8º.

PRÉVOST, *L'Amant desconforté cherchant confort parmi le monde, contenant le bien et le mal des femmes, avec plusieurs préceptes et documents contre les femmes*. Lyon, 1564, in-16.

⁴ Pym 1992.

⁵ Chartier 2020.

⁶ Hénau 1858, p. VI.

AGRIPPA, *Libelli de præ excellentia fæminei sexus et de matrimonio*. Cologne, 4597, in-12.

OLIVIER, *Alphabet de l'imperfection et de la malice des femmes*. Rouen, 1683, in-12.

MONTCRIF, *Essai sur la nécessité et les moyens de plaire*. Amsterdam, 1738, in-18.

CHAMPCENETS, *Petit traité de l'amour des femmes pour les sots*. Liège, 1788, in-8°.

NECKER, *Du bonheur des sots*. Paris, 1788, in-8°.⁷

A atribuição a Machado da autoria de *Queda* anula a possibilidade de se pesquisar a intertextualidade entre essas mesmas obras e suas transferências externas. Limitando-me, por falta de espaço a este último ponto: por exemplo, quem escolheu traduzir para o português e publicar num jornal carioca mais especificamente *De l'amour* de Victor Hénau e não uma outra obra dessa longa tradição? Minha pesquisa revelou que, no eixo sincrônico, o tratado de Hénau foi alvo de muitas respostas em forma de artigos de jornais e livros na Bélgica no final da década de 1850, escritos principalmente por mulheres. Por que Machado, portanto, não optou por traduzir *De l'amour des sots pour les femmes d'esprit – Causeries*, ou *Menus propos sur l'amour des femmes pour les sots*? *Esses dois volumes* (ou por que não lhe encomendaram a tradução de uma dessas obras), publicados em 1859 no mesmo formato de *De l'amour des femmes pour les sots* e pela mesma editora, as quais contêm respostas a Hénau escritas por mulheres? O primeiro livro é de Mme La Douaibiere D'Avroye, e o segundo reúne três respostas publicadas na imprensa belga entre agosto e setembro de 1858, todas assinadas apenas com as iniciais das autoras. Ou seja, o texto de Victor Hénau circulou e foi lido na cultura e língua de origem ao lado de vários outros textos sobre o mesmo tema e que expressavam pontos de vista diferentes. No Brasil, isso não ocorreu devido a uma série de silenciamentos e naturalizações que cada vez mais expomos no mundo acadêmico, nos estudos literários e na historiografia literária, esta última predominantemente construída por homens brancos.

A primeira naturalização que devemos considerar, ainda seguindo a perspectiva de Pym, está relacionada à transferência material. Normalmente, é o sistema receptor, no caso da literatura, o sistema literário de um país, ou seja, o sistema literário brasileiro, que é responsável pela seleção e tradução do texto estrangeiro de acordo com seus requisitos e demandas. No entanto, o editor belga, ou seja, o remetente,

⁷ Hénau 1858, p. VII-VIII.

também pode estar diretamente envolvido no modo de apresentação e tradução, ou seja, na escolha e exportação do texto de Hénau em vez do texto de Mme La Douaibiere D'avroye para o Brasil.

Não podemos naturalizar a preferência pela tradução de textos de autoria masculina. Ao redescobrirmos esses outros livros, torna-se claro que o de Hénau representa na cultura de partida apenas uma visão entre uma sequência de publicações na imprensa ou em livro sobre a misoginia, muitos dos quais defendem as mulheres. Portanto, não podemos naturalizar esse ato de escolha, seja por parte dos mediadores na cultura de partida, seja na cultura de chegada.

Em segundo lugar as transferências alteram os valores do texto. Embora a tradução de Machado tenha mais ou menos mantido o conteúdo semântico do texto original em francês, há uma grande diferença no valor que cada texto adquiriu em seus respectivos sistemas literários. A obra de Hénau só sobreviveu devido à tradução de Machado, mesmo que tenha causado polêmica e gerado respostas na época. *Queda*, por sua vez, é considerado um texto fundamental da juventude de um autor canônico brasileiro, além de ter sido considerado por muitos críticos como seu primeiro livro autoral.

A transferência continuou, portanto, muito além dessa reciprocidade inicial, criando a possibilidade de misturas participativas e observacionais assimétricas no contexto da recepção. Isso se evidenciou claramente no caso de *De l'amour* e *Queda*, onde ambos os textos tiveram recepções bastante distintas. No caso de *De l'amour*, gerou um número significativo e difícil de quantificar de respostas imediatas na imprensa, das quais apenas quatro foram preservadas em forma de livro, como mencionado anteriormente.

Transcrevo aqui alguns trechos das respostas a Hénau:

Convinha, Senhor, fazer reservas e não confundi-las todas num mesmo anátema. Em sua obra falta um capítulo: do amor das mulheres de espírito. (G. F., publicado originalmente no *Journal de Liege*, 14 de julho de 1858.)

Essas reprovações, com as quais os sobrecarregamos, não têm valor em si mesmas: elas não são contra os protestos feitos por nós contra nossa dependência. E quanto mais sentimos o peso dessa dependência, mais estremecemos e mais as mulheres a ampliam e a agravam.

Gostaria de lhe dirigir uma pergunta, a este homem estranho que nos trata tão mal: por que ele divide os homens em duas classes, os homens

de espírito e os homens tolos, enquanto coloca todas as mulheres na categoria dos tolos? Ele deveria ter agido com mais justiça e distribuir seus favores de forma mais equitativa.

O estudo dos sentimentos preocupa hoje os filósofos sérios e os filósofos de salão. [...] Os segundos, pessoas céticas e zombeteiras, traçam um esboço muito imperfeito da mulher, neste sentido de que acentuam vigorosamente os traços satíricos e não dão destaque suficiente aos contornos graciosos, – que são, no entanto, o ponto característico da delicadeza feminina. (*De l'amour des sots pour les femmes d'esprit*, 1859, p. 5, 6, 7)

No contexto brasileiro, a recepção de *De l'amour* por Machado de Assis desempenhou um papel crucial na construção dos tropos femininos e masculinos em sua obra, especialmente durante sua fase inicial⁸. No entanto, a recepção de *De l'amour* por mulheres permanece largamente desconhecida, contribuindo assim para a naturalização da misoginia na formação de sistemas literários interdependentes, na história da literatura brasileiras e nos estudos machadianos. Embora não tenhamos registros de artigos defendendo a mulher na imprensa brasileira, como ocorreu na Bélgica, isso não implica necessariamente que *Queda* não tenha provocado reações entre as leitoras brasileiras. É possível que não tenham sobrevivido registros impressos de recepções por mulheres devido à predominância masculina na esfera jornalística da época. Somente mais tarde, no final do século XIX, é que observamos uma intensificação da participação feminina na imprensa, como evidenciado pelo jornal *O País*, que contou com a contribuição de mais de 30 escritoras entre 1884 e 1912, com ensaios críticos, romances, contos e crônicas⁹.

A consideração de *Queda* como obra autoral de Machado de Assis tende a naturalizar a escolha de um discurso misógino sobre as relações amorosas, o de um escritor do sexo masculino, belga, perpetuando assim o silenciamento das vozes femininas que poderiam ter contribuído para o debate. Dessa forma, *Queda* passa a existir no contexto brasileiro como se fosse desprovida de uma tradição e de uma rede de discursos contemporâneos sobre as relações amorosas entre os sexos.

Além disso, essa atribuição equivocada da autoria a Machado acaba por vincular erroneamente opiniões misóginas ao escritor, quando na verdade ele foi apenas o cérebro responsável, até onde se sabe, pela

⁸ Rosso 2008.

⁹ Silva e Luca 2022.

transferência interna, ou seja, pela tradução direta de *De l'amour* para o português. Ao considerarmos o contexto sócio-histórico e as possíveis motivações por trás da tradução, eu imagino o jovem Machado silenciosamente contrariado por se sentir obrigado a traduzir um texto tão misógino, por razões financeiras e para não perder a oportunidade que Paula Brito lhe abriu na imprensa. A obra de Hénaux teria entretanto lhe causado tanto impacto a ponto de o jovem Machado dedicar o resto de sua carreira literária à representação da complexidade da alma feminina, como evidenciado pela icônica tautologia “Capitu era Capitu”.

Em última análise, ao retomarmos a ideia de angústia do crítico, que se assemelha à angústia da influência do poeta em relação à tradição, somos levados a refletir sobre a importância da separar o gênio da obra e reconhecer as múltiplas influências e contextos que moldam e circundam uma obra literária no seu contexto de partida e de chegada.

Referências bibliográficas

- Assis, M. de (1861), *Queda que as mulheres têm para os tolos*, tradução de Machado de Assis, Tipografia de F. de Paulo Brito, Rio de Janeiro.
- Assis, M. de (1861), *Queda que as mulheres têm para os tolos*, in “A Marmota”, 19, 23, 26, 30 de abril e 3 de maio, Rio de Janeiro.
- Candido, A. (1993), *Formação da literatura brasileira [1964-1969]*, Editora Itatiaia, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, 7ª ed.
- Chartier, R. (2020), *Literature and Written Culture: Stability of Works, Mobility of Texts, Plurality of Readings* [2016], in A. C. S. da Silva e M. Abreu (eds.), *The Cultural Revolution of the Nineteenth Century. Theatre, the Book Trade and Reading in the Transatlantic World*, Bloomsbury, London.
- D'avroye, M. L. D. (1859), *De l'amour des sots pour les femmes d'esprit – Causeries*, F. Renard, Liège e E. Dentu, Librairie, Paris.
- Even-Zohar, I. (1981), *Translation Theory Today: A Call for Transfer Theory*, in “Poetics Today”, 2(4), pp. 1-7.
- Hénaux, V. (1858), *De l'amour de femmes pour les sots*, Nouvelle édition, F. Renard, Liège e Ch. Gnusé, Librairie, Leipzig.
- Massa, J. M. (2008), *Carta pessoal*, Rennes, 25 de julho.
- Muzart, Z. L. (ed.) (1999), *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*, volume 1, Editora Mulheres, Editora Mulheres e EDUNISC, Santa Cruz do Sul.
- Muzart, Z. L. (ed.) (2009), *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*, volume 3, Editora Mulheres, Editora Mulheres e EDUNISC, Santa Cruz do Sul.
- Muzart, Z. L. (ed.) (2024), *Escritoras brasileiras do século XIX: antologia*, volume 2, Editora Mulheres, Editora Mulheres e EDUNISC, Santa Cruz do Sul.

- Pereira, L. M. (1973), *História da literatura brasileira. Prosa de ficção, 1870-1920* [1950], José Olympio, Rio de Janeiro, 3ª ed.
- Pym, A. (1992), *The Relations Between Translation and Material Text Transfer*, in "Target", 4(2), pp. 171–189, acessível em: <<https://doi-org.libproxy.ucl.ac.uk/10.1075/target.4.2.03pym>> (último acesso em 28 de maio de 2024).
- Rosso, M. (2008), *Machado, Eterno Enigma*, in "Baleia na Rede", 1 (5), acessível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Baleiana-Rede/Edicao05/6-machado.pdf>> (último acesso em 28 de maio de 2024).
- Sabino, I. (1899), *Mulheres Ilustres do Brasil*, H. Garnier, Rio de Janeiro e Paris.
- Schmidt, R. T. (2015), *Nineteenth-Century Brazilian Women Writers and Nation Building: Invisibilities, Affiliations, Resistances*, in I. Rodríguez, M. Szurmuk (eds.), *The Cambridge History of Latin American Women's Literature*, Cambridge University Press, Cambridge, pp. 117-132.
- Silva, A. C. S. Da, Ferreira, E. F. C. (2007), *Queda que as mulheres têm para os tolos: Translation or Text by Machado de Assis?*, in "Portuguese Studies", 23(1), pp. 88–99, acessível em: <http://www.jstor.org/stable/41105275> (último acesso em 28 de maio de 2024).
- Silva, A. C. S. Da, Ferreira, E. F. C. (2008), *Introdução crítico-filológica*, in V. Hénau, J. M. M. de Assis, *Queda que as mulheres têm para os tolos*, Editora Unicamp., Campinas, pp. 15-35.
- Spivak, G. C. (2010), *'Can the Subaltern Speak?': Revised Edition, from the 'History' Chapter of Critique of Postcolonial Reason*, in R. C. Morris (ed.), *Can the Subaltern Speak?: Reflections on the History of an Idea*, Columbia University Press, New York, pp. 21–78., disponível em: <http://www.jstor.org/stable/10.7312/morr14384.5> (último acesso em 28 de maio de 2024).
- Vv. Aa. (1859), *Menus propos sur l'amour des femmes pour les sots?*, F. Renard, Liège e E. Dentu, Librairie, Paris.